

Operação cerca-lourenço

LAVA JATO A força-tarefa disfarça, mas avança na obsessão de alcançar o ex-presidente Lula

A FORÇA-TAREFA CONTINUA sem pronunciar o nome de Lula, mas nem seria necessário. A começar pelo nome, Triplo X, a nova fase da Operação Lava Jato deixa claro que o ex-presidente está no centro das atenções. Após mais de um mês sem sair às ruas em razão do recesso do Judiciário, o juiz Sergio Moro autorizou mandados de prisão e buscas contra acusa-

dos de lavagem de dinheiro na aquisição de imóveis em um conjunto de apartamentos no Guarujá, litoral de São Paulo. Justamente o edifício no qual Lula comprou cotas de um triplex, mas não exerceu o direito de aquisição do imóvel.

Oficialmente, os investigadores buscam elos entre João Vaccari Neto, ex-tesoureiro do PT preso pela Lava Jato, a Cooperativa Habitacional dos Bancários (Bancoop) e a construtora OAS. Em

2010, o promotor de Justiça de São Paulo José Carlos Blat denunciou integrantes da Bancoop por desvio de dinheiro destinado à construção de imóveis dos cooperados. Segundo a denúncia, notas frias teriam sido usadas por dirigentes da cooperativa para enriquecimento próprio e doações ao Partido dos Trabalhadores. Vaccari era diretor-financeiro da Bancoop. Os desvios somariam 58 milhões de reais.

Em 2009, em meio a problemas financeiros, os empreendimentos da Bancoop foram repassados à OAS. Um dos imóveis financiados era o tal triplex no Guarujá. De acordo com a declaração de bens apresentada à Justiça eleitoral em 2006, Lula possuía uma cota no valor de 47,6 mil reais. Tratava-se, afirma o Instituto Lula, de uma opção de compra nunca exercida. O promotor Cássio Conserino, do Ministério Público de São Paulo, responsável por uma investigação paralela à Lava Jato, afirma haver provas de que o ex-presidente e familiares estiveram no apartamento após a conclusão das obras.

Em depoimento, o engenheiro Armando Dagres estimou em 777 mil reais o valor da reforma no apartamento paga pela OAS.

Segundo Dagres, Marisa Leticia, esposa do ex-presidente, visitou o imóvel em companhia do filho Fábio Luís e de Léo Pinheiro, sócio da empreiteira, durante a reforma. Um zelador do prédio confirmou

Nonsense. A PF mira no prédio onde fica o triplex que não pertence a Lula





que Lula também teria visitado o triplex. A força-tarefa esforça-se agora para ligar o imóvel e a reforma ao escândalo da Petrobras. É natural que detentores de cotas visitem obras de um empreendimento.

Outros imóveis no mesmo prédio estariam em nome de colaboradores do PT, entre eles Freud Godoy, ex-segurança da Presidência da República envolvido no chamado “escândalo dos aloprados” em 2006. Os investigadores descobriram que um dos triplex do edifício pertence a uma *offshore* sediada no Panamá, a Murray Holdings LCC. Segundo o cadastro da Receita Federal, a responsável pela empresa é Eliana Pinheiro de Freitas, moradora de uma casa simples em uma vila na zona leste de São Paulo.

A verdadeira proprietária seria Nenci Warken, sócia de uma empresa de publicidade que teria prestado serviços de marketing à Bancoop. Warken está entre os seis detidos na quarta-feira 27. Quem conduziu a abertura da *offshore* foi a Mossack Fonseca & Co., organização panamenha com uma subsidiária na Avenida Paulista, em São Paulo.

Não é a primeira menção à Mossack na Lava Jato. A empresa é apontada como a responsável pela abertura de empresas fantasmas de Renato Duque, ex-diretor da área internacional da Petrobras, Pedro Barusco, ex-gerente da mesma área, e do lobista Mário Góes. Por meio de escutas telefônicas autorizadas, a Polícia Federal descobriu que a empresa teria realizado outras operações ilegais para constituir firmas de fachada no exterior. Uma lista com o nome de 40 brasileiros foi identificada na carteira de clientes da companhia.

Os imóveis seriam usados para ocul-



Triplex X. Os federais cumpriram seis mandados de prisão na quarta 27

velaria uma possível operação superfaturada.

No inquérito, representantes da força-tarefa fizeram questão de exibir um diagrama com a relação de apartamentos considerados suspeitos. Entre

eles figura o triplex atribuído a Lula. “Além das inconsistências já detectadas quanto ao imóvel que pertenceria a Marice Correa de Lima, igualmente chamaram atenção outros imóveis do mesmo condomínio que indicaram alto grau de suspeita quanto à sua real titularidade”, cita o relatório da PF.

O governo reagiu à nova fase da Lava Jato. Em viagem ao Equador, Dilma Rousseff afirmou que o ônus da prova cabe a quem acusa. O ministro Jaques Wagner, da Casa Civil, foi mais enfático: “Eu acho que há uma certa obsessão que acaba se difundindo, como se toda operação tivesse o objetivo, e a gente tem testemunhos de pessoas, inquéritos, depoimentos. Sempre se busca a tentativa de contaminar o presidente Lula”.

O Instituto Lula divulgou a seguinte nota: “O ex-presidente Lula não foi sequer citado na decisão do juiz Sérgio Moro e repudia qualquer tentativa de envolver seu nome em atos ilícitos investigados na chamada Operação Lava Jato. Nos últimos 40 anos, nenhum líder brasileiro teve a vida particular e partidária tão vasculhada quanto Lula, e jamais encontraram acusação válida contra ele”.

— Por Henrique Beirangê

O edifício no litoral paulista seria usado para a OAS lavar dinheiro, suspeitam os investigadores

tar os pagamentos de propina, sugere, na visão do Ministério Público, uma operação entre Marice Correa de Lima, cunhada de Vaccari, e a OAS. Ao justificar a prisão da cunhada do ex-tesoureiro petista no ano passado, os investigadores levantaram a suspeita de ela ter sido beneficiada por uma operação de compra e venda de um apartamento da construtora. Marice teria adquirido um imóvel no valor de 150 mil reais, em 2011, e revendido à OAS, em 2013, por 432 mil reais. O apartamento foi repassado pela empreiteira a outro proprietário no ano seguinte por 337 mil reais, o que re-

O elo. João Vaccari, ex-tesoureiro do PT, foi diretor-financeiro da Bancoop

